

## Sonhos e Sonhadores

Markin Tuder

Sonhar não é um privilégio só da juventude. Porém é difícil imaginar jovens destituídos de sonhos. Jovens que não sonham, esbanjaram a sua juventude. Livres de qualquer ligação e compromisso com o passado, o mundo da "velha geração", imbuídos de esperança e sem qualquer experiência amarga e decepcionante, é mais do que natural e esperado que jovens sonhem. Com um mundo novo, sem sofrimentos e injustiças, com um homem novo, sem maldade, inveja e ódio, com riqueza e felicidade, com abundância sem necessidades, com uma vida alegre e confortável, com uma carreira brilhante, com família aconchegante e amorosa, com a longevidade sadia e contente, e com o que não?

Embebidos desses sonhos, surgiu um grupo de jovens que resolveu realizar, na prática, tudo aquilo com que sonharam. O ambiente reinante no mundo do pós guerra, a revelação, aos olhos de toda a humanidade, dos horrores cometidos no holocausto, a sensação da sociedade em transição e em formação, sem dúvida os ajudou nos seus atos; porém o impulso principal emanou da sua sensibilidade fora do comum aos problemas do povo judeu e de toda a humanidade, e do sentimento profundo de que estavam cumprindo uma missão suprema, quase divina. Sua reunião era tão esperada quanto natural, e assim transformaram-se os sonhos individuais de cada um em um sonho de grupo – sonho coletivo; e foi traçado um caminho de ação, tendo em vista a sua realização.

Constituíram um movimento juvenil magnífico. Viajaram de Estado a Estado, de cidade a cidade, não esqueceram sequer um bairro, por mais afastado que fosse, bateram à porta de cada casa judaica, e transmitiram suas idéias e seus anseios. O fim da diáspora física e mental do povo judeu, com a ressurreição do Estado Judeu baseado na justiça social e na igualdade, de acordo com a visão dos nossos Profetas. Começaram a estudar e a ensinar a história do nosso povo, o sionismo, segundo seus principais delineadores. Herzl, Moshé Hess, Max Nordau, e outros, transformaram-se em personagens conhecidas e citadas no dia a dia. Os escritos de Marx, Engels,

Borochov, Sirkin, Gordon, Berl Katzenelson, Ben Gurion e muitos outros, foram engulidos com um apetite insaciável, na voracidade de entender, saber, aperfeiçoar e ajudar na difusão e na realização de seus sonhos. Ergueram um movimento que chegou a contar com mais de mil participantes, mas que, indubitavelmente, contaminou com seus ideais a dezenas de milhares de crianças e jovens. Aproximou-os às suas idéias, às tradições do povo judeu, ao sionismo, e à própria existência do Estado de Israel, de seus problemas e de suas necessidades.

O confronto com a realidade conservadora e retrógrada, que se opunha à concretização dos sonhos era inevitável. Dois anos mais tarde, em Maio de 1950, deu-se o irremediável choque das gerações. Dezenas de jovens da direção do movimento decidiram, coletivamente, abandonar seus estudos universitários e dedicar-se integralmente ao sonho, já não como

sonhadores, mas como realizadores, pioneiros da idéia. Planos de trabalho e de expansão foram delineados, programas educacionais que se propunham a complementar e até substituir os parques escolares. Foi criada uma comuna (shituf) para poder fazer frente a possíveis pressões econômicas, que realmente se fizeram sentir. Já não podia haver

compromissos. A ruptura do caminho da galut e o caminho da aliá era total e final.

Tivemos o grande privilégio de ter participado deste sonho, de termos sonhado. Passados sessenta anos do ato inicial, com a aliá a Israel dos primeiros fundadores do movimento, não pode-se deixar de questionar algumas perguntas: O sonho se realizou? Tínhamos nós razão? Valeu a pena? Será que temos o que festejar? E a resposta é absolutamente positiva!

Pois, a grandeza de um sonho não está somente no fato de sua realização. Um sonho que se realiza integralmente, na maior parte dos casos é um sonho tacanho. Transforma-se em realidade e é esquecido. Não há sonho realizado totalmente, e quanto mais elevado o sonho, mais difícil o seu alcance. A grandeza de um sonho reside no próprio fato de sua continuidade. De sua capacidade de sustentação e a força ininterrupta



Markin discursando ao ishuv brasileiro



קבוץ ברור חיל  
KIBUTZ BROR-CHAIL

de contagiar e arrastar gerações após gerações de sonhadores, de portadores da tocha, de propagadores das idéias. O fluxo ininterrupto de jovens brasileiros que chegam a Israel, até os nossos dias, seja como visitantes, estudantes ou voluntários para tarefas nacionais, seja como olim, que transferem suas residências, estudos e trabalho, e contribuem com isto para a povoação, o fortalecimento e o desenvolvimento do país, são a testemunha da continuidade daquele mesmo sonho.

A situação do judaísmo e dos judeus na diáspora, a assimilação crescente, que afasta de nós milhares de valiosos e talentosos jovens, e as crescentes manifestações de antissemitismo em muitos dos países assim chamados de cultos. Em contraposição, a existência do Estado de Israel, que comemora seu sexto decênio de independência, o desenvolvimento econômico, de segurança, político, científico – cultural,

a continuidade do processo de absorção de aliá, principalmente de comunidades necessitadas, representam a sólida comprovação da verdade do caminho.

A validade dos esforços investidos ao longo desses sessenta anos encontra sua expressão na vontade geral de comemorar sessenta anos de aliá dos educandos do movimento Dror, Gordônia, Ichud Hanoar Hachalutzi e Habonim – Dror, de todas as gerações; o entusiasmo que a idéia suscitou em todos os que foram interpelados, em Israel e fora do país, veteranos e jovens. E a disponibilidade de juntar seus esforços e contribuir a este importante empreendimento. Importante para a preservação do legado do passado, para o fortalecimento da crença e esperança do presente, e mais importante ainda, como um marco na continuidade do sonho, que contagiara novas gerações de jovens, olim que chegarão, sonhadores e realizadores do mesmo movimento e dos mesmos ideais.

**Markin Tudor**

Aderiu ao movimento Dror em 1949. membro da mazkirut do snif São Paulo e da Hanhagá Artzit. Shaliach em Belo Horizonte e Rio de Janeiro, e missões especiais em Porto Alegre e Curitiba. Chegou à Israel em 1955 e por vários anos dirigiu Vaadat Hatnuá. Posteriormente shaliach no Rio de Janeiro entre 1973 a 1977. No kibutz Bror Chail foi, entre outros, encarregado da alimentação, encarregado da distribuição de água e da irrigação. Diretor de projetos na "Deco- Know How", Diretor de exportação da Anat"-programas agrícolas. Atualmente vive em Tel Aviv e é tradutor.